

# UM CANTO NEGRO EM CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E AGOSTINHO NETO. Tiago Souza da Cruz , Rubens Pereira dos Santos – Inter- áreas - Letras- Departamento de Literatura. Faculdade de Ciências e Letras -Campus de Assis

Tendo em vista que Angola e Brasil apresentam algumas semelhanças no âmbito sócio-histórico, basta citar que ambos foram colônia de Portugal, e o Brasil recebeu um número grande de angolanos, os quais desembarcaram no país na condição de escravos. Diante disso, abordar uma relação Angola Brasil no âmbito da literatura, mais precisamente no contexto oscilante entre o moderno e o contemporâneo e analisando textos de poetas como, Agostinho Neto e Carlos Drummond de Andrade, possibilita o debate de muitos temas comuns entre os dois países e explorados pelos dois poetas aqui estudados. Os temas a serem desenvolvidos neste trabalho, são: o **negro** nos poemas de Neto e Drummond, a **questão da Negritude e da identidade**, a **intertextualidade** e o **trabalho estético** desenvolvidos na escritura por eles praticada.

Para desenvolver esse trabalho é necessário comparar três poemas, um de Agostinho Neto “Confiança” e dois de Carlos Drummond de Andrade “Os bens e o sangue” e “Versos á boca da noite”. Essa escolha permite estabelecer primeiramente o **tema do negro** no poema de Neto e em “Os bens e o sangue”, a partir disso, a discussão do termo negritude e formação da identidade ganha sustentação textual e sua comprovação se faz eficaz com exemplos extraídos dos poemas.

O poema “Versos á boca da noite” (Drummond) exemplifica bem o **trabalho de construção estética** muito semelhante ao poema “Confiança” e a **intertextualidade** entre eles. Essa divisão aparece por questão didática e para um melhor aproveitamento na leitura dessas poesias, sendo os três poemas estudados longos, eles não serão reproduzidos integralmente, mas o recorte aqui feito dará conta dos temas propostos. Os poemas se apresentam estruturalmente da seguinte maneira: “Confiança” tem vinte versos divididos em seis estrofes; sendo a primeira de cinco versos, a segunda com dois, a terceira com três, a quarta com quatro, a quinta com três, e a sexta com três. Este é o menor em relação aos dois do poeta brasileiro: “Os bens e o sangue” é composto por cento e cinquenta e três versos divididos em oito partes com um subtítulo na segunda e sexta parte; “Versos á boca da noite” apresenta sessenta e cinco versos ao longo de dezessete estrofes, sendo dezesseis quartetos e uma com apenas um verso (isso se dá, pois, o poeta tinha a intenção de mostrar como é possível trabalhar com a *forma presa* do quarteto sem abrir mão da estética moderna, por isso uma estrofe com um único verso, *forma livre* destoando das demais).

Segue um trecho do poema “Os bens e o sangue” o qual será analisado em seguida.

## VI

Os urubus no telhado:

E virá a companhia inglesa e por sua vez comprará tudo  
e por sua vez perderá tudo e tudo volverá a nada  
e secado o ouro escorrerá ferro, e secos morros de ferro  
taparão o vale sinistro onde não mais haverá privilégios,  
e se irão os últimos escravos, e virão os primeiros camaradas;  
e a besta Belisa renderá os arrogantes corcéis da monarquia,  
e a vaca Belisa dará leite no curral vazio para o menino doentio,  
e o menino crescerá sombrio, e os antepassados no cemitério  
se rirão se rirão porque os mortos não choram.

## VII

Ó monstros lajos e andridos que me perseguis com vossas barganhas  
sobre meu berço imaturo e de minhas minas me expulsais.

Os parentes que eu amo expiraram solteiros.  
Os parentes que eu tenho não circulam em mim.  
Meu sangue é dos que não negociaram, minha alma é dos pretos,  
minha carne, dos palhaços, minha fome das nuvens,  
e não tenho outro amor a não ser o dos doidos.

(Os bens e o sangue – Obras Completas, 1973, p. 259)

Esse trecho do poema deixa claro uma insatisfação do **eu poético** com uma situação com a qual ele não concorda: os vocábulos “escravos” e “negociaram” contextualizam bem o tempo do qual ele (**eu poético**) fala e deixa claro que está se referindo ao escravismo. O interesse maior recai sobre o verso – “Meu sangue é dos que não negociaram, minha alma é dos pretos,”- aqui fica traduzido o sentimento desse eu lírico que rejeita sua posição de explorador, para tanto ele reconhece a exploração, nega a sua família “Os parentes que eu tenho não circulam em mim.”. Para tentar fazer parte da outro “dos pretos”, mas ele sabe que não pode tornar isso concreto, então a saída é ter a “alma dos pretos” ao dizer que sua alma é dos pretos ele quer expressar duas coisas: primeiro, seu sentimento é de dor, assim como a dor dos pretos, profunda na alma; a segunda coisa remete a um fato histórico (os pretos escravizados no Brasil eram considerados como criaturas que não possuíam alma), o poema subverte e declara que o negro tem alma e é igual a do branco. O primeiro verso deste longo poema é “ÀS DUAS horas da tarde deste nove de agosto de 1847”, é nesta data que o negro, preto e escravo presente no poema deve ser visto.

O poema de Carlos Drummond de Andrade assume o papel de denúncia de um período da história do seu país do qual ele se envergonha. Zilá Bernd, em seu livro *Negritude e Literatura na América Latina*, 1987, traz uma definição de Negritude que atende a intenção exposta por Drummond através de “Os bens e sangue”.

Como positiva, entendemos uma negritude que se desenha como a opção dos escritores terceiro-mundistas que é a de explorar nossa circunstância imediata. É um dever mais do que um direito do escritor do Terceiro Mundo forjar uma consciência de negritude que possa coexistir com a de americanidade, antilhanidade, latinidade, brasilidade, mineiridade, etc., e no interior da qual se exercite a consciência de classe. (p.35)

Ao optar por abordar o tema do negro em sua poesia, Drummond não apenas contribui para desmascarar um racismo velado que existe no Brasil, mas, ele contribuiria para um entendimento de identidade do povo brasileiro. Essa identidade é multifacetada, composta por brancos e negros, embora exista o índio o autor escolheu o recorte do negro e do branco, fazendo um convite à reflexão. A isso pode ser acrescentado outra citação do mesmo livro da professora Zilá Bernd,(1987, p. 38)

“O conceito de identidade é tomado como processo, isto é, como dinâmica que se constrói e se desconstrói, e sempre junto com o conceito de alteridade, pois só existe identidade pela consciência da diferença que é posta por uma situação de estranhamento”.

A insatisfação drummoniana quanto à escravidão converge com o mesmo sentimento de injustiça que Agostinho Neto aponta em seu poema:

“As minhas mãos colocaram pedras  
nos alicerces do mundo  
mereço o meu pedaço de pão.”

Drummond reconhece que os negros construíram o país com sua força de trabalho, e que isso nunca foi reconhecido. Seu poema reforça o direito do outro poema do seu colega de ofício que mesmo estando além-mar expressa sentimentos parecidos em relação a um mundo desigual e problemático.

Drummond não pode oferecer o pão, mas se oferece como parceiro nesta luta dizendo que a identidade brasileira carrega a cultura do negro africano de Angola e de outras nações, por isso ele assume um discurso da negritude como um traço importante para o contexto literário brasileiro. Aqui já fica expressada a intertextualidade entre esses dois poetas de locais tão distantes e ao mesmo tempo tão próximos na arte por eles produzida.

A intertextualidade de tema e forma fica evidente quando se aproximam trechos de “Confiança” e “Vozes à boca da noite”, como:

“O oceano separou-me de mim  
enquanto me fui esquecendo nos séculos  
e eis-me presente  
reunindo em mim o espaço  
condensando o tempo”

“Mas vem o tempo e a idéia de passado  
visitar-te na curva de um jardim.  
Vem a recordação, e te penetra  
dentro de um cinema, subitamente.”

Em ambos há um solilóquio onde o eu lírico tem uma visão de passado como algo que se realiza no presente na forma de lembranças que podem ajudar a entender melhor o sentido do viver. No poema de Neto o passado era a escravidão do seu povo e o presente é a sua percepção disso que será expresso ao longo do poema. Em Drummond está em questão a passagem do tempo como algo necessário e penoso ao mesmo tempo, ele descreve a ação do tempo em seu texto como uma coisa ambígua, assim como Neto percebeu que, embora o tempo carregasse a maldade da escravidão, o seu povo ainda resiste e vive. Esses poemas carregam traços de sua modernidade, a fala em primeira pessoa enfatizando uma dor do seu tempo, a forma livre, a falta de rimas, a preocupação em transmitir seu sentimento sem preocupar-se com a linearidade das idéias.

A literatura produzida por esses poetas é um verdadeiro resgate de vazios existenciais, essa poesia constrói um ser coletivo sem desprezar uma construção identitária. Mesmo sabendo que o discurso da diferença é um discurso difícil, ele não pode deixar de ser encarado e esse trabalho espera que o seja.

## Referências Bibliográficas

- ABDALA JUNIOR, Benjamim. *De Vãos e Ilhas: Literatura e Comunitarismos*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro, Companhia José Aguilar Editora, 1973.
- BERND, Zilá. *Negritude e Literatura na América Latina*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.
- BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo da Poesia*. 7. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- CAMILO, Vagner. *Drummond: Da Rosa do Povo à Rosa das Trevas*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2001.
- CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. São Paulo, Duas Cidades, 1970.
- GLEDSON, John. *Poesia e Poética em Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo, Duas Cidades, 1981.

HAMILTON, Russel G. *Literatura Africana Literatura Necessária I-Angola*. Lisboa, Edições 70, 1975.

MACÊDO, Tânia. *Angola e Brasil: Estudos Comparados*. São Paulo, Arte e Cia, 2002.

NETO, Agostinho. *Sagrada Esperança*. São Paulo, Ática, 1985.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Drummond: *O Gauche no Tempo*. Rio de Janeiro, Record, 1992.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Africanidade*. São Paulo, Ática, 1985.